



doi: 10.20396/rfe.v13i1.86641889

## Mulheres CoMVidas

indígenas, brancas, negras, professoras,  
universitárias, mulheres de comunidades

*Amanda Pereira da Silva Azinari*

*Elizabeth Ângela dos Santos Torsi*

*Waldineia Antunes de Alcântara Ferreira*

### Resumo:

O artigo apresenta uma reflexão sobre a atuação do CoMVidas – Coletivo de Mulheres do Vale do Arinos pelas Vidas - em respostas imediatas a pandemia do Covid-19. Analisa a iniciativa de mulheres considerando o lugar de vivência e o movimento online, bem como, articulações junto a diferentes instituições e projetos de extensão. Assim, o objetivo é evidenciar as ações e sentimentos construídos e constituídos no coletivo de mulheres da região do Vale do Arinos \_MT. Observamos envolvimento, solidariedade ao assumir como causa do CoMVidas em produzir a manutenção da vida de mulheres, e das famílias das mulheres.

**Palavras-chave:** CoMVidas, Mulheres, Projetos de extensão

### Abstract:

The article presents a reflection on the performance of CoMVidas - Vale do Arinos Women's Collective for Lives - in immediate responses to the Covid pandemic19. It analyzes the initiative of women considering the place of experience and the online movement, as well as articulations with different institutions and extension projects. Thus, the objective is to highlight the actions and feelings constructed and constituted in the collective of women in the Vale do Arinos \_MT region. We observed involvement, solidarity in assuming as a cause of CoMVidas in producing the maintenance of women's lives, and of women's families.

**Keyword:** CoMVidas, Women, Extension projects

## Introdução

O movimento feminista tem sido construído por mulheres em diversos lugares do planeta cujas trajetórias de lutas e enfrentamentos ao longo da história da humanidade contra a opressão patriarcal. Cisne (2014, p.132) destaca que “mundialmente, as mulheres foram e são fortemente invisibilizadas na história. Isso é mais agravado em um “país sem memória”.

Nesta perspectiva é que lançamos a possibilidade da construção de um coletivo feminista que alcançasse não em números, mas estrategicamente, mulheres em espaços negligenciados, desassistidas pelas políticas públicas, feridas em sua dignidade e direitos. A mediação e o encontro com mulheres com experiências de coletividade têm construído para os processos formativos residentes na construção da uma consciência coletiva feminista.

O presente texto traz ao debate algumas ações importantes realizadas pelas mulheres, que em princípio solidário, político e coletivo fazem parte do CoMVidas. O CoMVidas é um coletivo em construção no Vale do Arinos, região Noroeste do Estado de Mato Grosso, com processo recente de (re)ocupação (Sant’Ana, 2009). Trata-se um território marcado pela colonização com todo o uso dos dispositivos de poder, como a apropriação dos recursos naturais, com a captura e a expulsão de populações indígenas. Um território como muitos outros espaços, invisibilizados, neste contexto, a atenção se dá pela invisibilização que se faz duplamente, pois invisibiliza os/as ‘marginalizados/as’ de maneira geral e (re)invisibiliza as mulheres que estão neste território. É a confirmação constante de uma política colonizatória e colonizante patriarcal que contribuiu e/ou continua contribuindo para a invisibilidade das mulheres.

Assim, o CoMVidas surge da necessidade da visibilidade, da conquista de espaços políticos, da formação no campo do feminismo, da compreensão do ser mulher no espaço do Vale do Arinos. Mas também nasce, do sentimento de solidarizar-se com outras mulheres, e da busca de diálogos ampliados possibilitados pelas vivências, aprofundamentos de estudos e práticas com temáticas que nos envolvem. Um diálogo que se dá em especial entre as mulheres da classe trabalhadora e que representa as minorias étnicas como mulheres indígenas, do campo, negras, estudantes, etc.

Este coletivo encontra-se em fase inicial e nasce de conversas entre mulheres professoras e acadêmicas do curso de Pedagogia da Unemat, campus de Juara-MT, principalmente, provocadas durante o I Ciclo de Debates: Políticas educacionais, Diversidade sexual e de Gênero no território da Amazônia Legal – (I EDUSEX). Desses diálogos, sentimos a necessidade de construir um espaço outro dentro e fora da universidade que abarcasse demandas das mulheres.

Diante destas questões lançadas sobre a universidade pública nos propusemos a utilizar o Edusex como evento “desconforte” a comunidade acadêmica e externa sobre os elementos que constituem as raízes das violências, das desigualdades (AZINARI, 2020, p. 24).

Em 15 de setembro de 2019, como uma proposição pensada durante o I EDUSEX, criamos um grupo via *WhatsApp* para debatermos os caminhos e possibilidades de fortalecimento do coletivo com ações da Educação não formal e formal (Gohn, 2004). As aproximações iniciais se deram pelos diálogos vivenciais da própria existência, e seguiu-se em reflexões do lugar da mulher no Vale do Arinos, dos silenciamentos, dos históricos de violência das mulheres neste lugar.

O Ciclo de debates, já era o pronunciamento de vozes, de identidades de mulheres e do reconhecimento da necessidade da contínua tarefa de desconstrução da mulher controlada pelos alçozes do patriarcado tão fortemente fornecido pela história social. A partir destas e outras reflexões é que se origina o CoMVIDAS, um coletivo de aprendizagem, reconhecimentos, lutas, solidariedade entre mulheres, mas não apenas pensando em mulheres, mas na transformação social, de um mundo outro.

Sonhos pensados em leituras a serem aprofundadas em vivências a serem refletidas, bem como, caminhos estratégicos a serem firmados nos espaços de vivências de cada uma de nós. Assim, finalizávamos 2019 com sonhos, e com as primeiras notícias da infecção do Covid-19, na cidade de Wuhan, na China. Em fevereiro de 2020, o Brasil já tinha casos de pessoas infectadas com o coronavírus.

Em 2020 decreta-se portanto, a pandemia do novo coronavírus, e, em todo o mundo estabelecem-se movimentos de pesquisa e de redes solidárias. Muitos institutos, instituições, associações e coletivos voltaram sua atenção para criação

de possibilidades e estratégias de combate a esse vírus que, mesmo com o início da vacinação em janeiro de 2021 – no Brasil – ainda continua assolando milhares de pessoas em todos os continentes neste país. As decisões e ações para o controle da doença no território brasileiro ainda percorrerão uma longa jornada, pois, infelizmente, as estratégias para aquisição e produção da vacina no país sofre com as posições políticas do governo brasileiro. O maior número de infecção e de morte ocorrem nas Américas, conforme organização Pan-Americana da Saúde (PAHO) em 27/01/2021, são 44.197.482 casos confirmados e 1.015.534 mortes. (PAHO, 2021)

É nesse contexto que o CoMVidas, também se mobiliza para compor a rede solidária, a partir das mulheres que dele participam e, ampliando os diálogos e aprendendo sobre a Covid-19. Foi a partir dessa demanda, que o coletivo ampliou a rede de diálogo junto a outras as mulheres, as universitárias, professoras da educação básica e superior, as mulheres indígenas, estudantes das Licenciaturas da Faculdade Indígena Intercultural e também da AKAMU – Associação de mulheres indígenas Kayabi, Apiaká e Munduruku da Terra Indígena Apiaká-Kayabi no município de Juara, bem como, mulheres do movimento negro vinculadas ao instituto Ilê Axê, residentes de Juara, e dos municípios vizinhos, Novo Horizonte do Norte e Porto dos Gaúchos. Também contamos com a parceria do Coletivo Mulheres que Movem Juína, município da Microrregião Norte.

Metodologicamente, assumimos a postura decolonial, com diálogos que ocorrem via *Web*, lugar de reuniões e da organização de uma campanha solidária de arrecadação de produtos de limpeza e da produção de um curso de extensão em parceria com a Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), com o curso de Pedagogia, com a ADUNEMAT – Associação de Docentes da UNEMAT, SINTESMAT – Sindicato dos profissionais técnicos da UNEMAT, SINTEP – Sindicato dos trabalhadores da educação pública de Mato Grosso e AKAMU – Associação das mulheres indígenas Kayabi, Apiaká e Munduruku.

O curso de extensão, foi denominado de “Campanha contra Covid-19:

produção de sabão e saberes no Vale do Arinos<sup>1</sup>” o mesmo foi realizado no

período de abril a maio de 2020. E mais recentemente, participamos da organização de outro curso “Conversas educacionais em tempos de pandemia<sup>2</sup>” via conta do *Instagram* e uso da ferramenta de *Web Conferencia* do *Google Meet*.

Assim, o movimento que aqui trazemos está consubstanciado pelo contexto vivencial do pensar mulher dentro de um emaranhado de luta pela vida, pela saúde, pela sobrevivência, pois desde que iniciou a pandemia temos convivido com perdas e constantes lutas pela manutenção da vida. Um movimento que se alicerça nos conhecimentos e reconhecimentos da mulher e do seu lugar na luta política, da sua própria formação de se reconhecer como mulheres de luta, mulheres sociais, de acesso.

#### **Encontro de mulheres: CoMVidas em ação**

Entendemos o processo de participação social das mulheres como um campo em disputa. A esfera pública historicamente relegada aos homens, brancos e burgueses negligenciava o acesso das mulheres aos espaços públicos, sobretudo, de poder. No entanto, com o surgimento do movimento feminista crítico que vem se reinventando ao longo dos tempos, as mulheres têm alcançados os diversos espaços. (Matos; Paradis, 2014)

As intenções tem sido avançar no debate da crítica feminista dentro e fora da Universidade com processos que envolvem a esfera social, econômica, emocional, psicológica, educacional, cultural e política. Todo processo é aprendizagem. Inclusive para nós professoras. Por isso, Gohn salienta que

O debate atual sobre a aprendizagem situa-se num plano de horizontes e perspectivas, envolvendo, necessariamente, a questão da educação, da cultura e formação dos indivíduos (e não apenas preparação), das redes de compartilhamento e como se dá o próprio processo de conhecimento. (GOHN, 2004, p. 38)

Nesse caminho propomos momentos de diálogos sobre as demandas atuais que envolviam o coletivo de mulheres que compõem o CoMVidas. Dentre as

---

<sup>1</sup> Aprovado pelo Parecer nº 104/2020 – PROEC “Eventos e Cursos” Vinculado ao Edital 004/2020 – PROEC coordenado pela Profa. Ma Amanda P. da Silva Azinari.

<sup>2</sup> Aprovado pelo Parecer nº 248/2020 – PROEC “Eventos e cursos” Vinculado ao Edital 004/2020 – PROEC coordenado pela Profa. Esp. Andresa Fernanda Almeida de Oliveira.

demandas observamos a necessidade de formação política, teórica e crítica a respeito do que significa o feminismo e como queremos construir o coletivo de

mulheres, também, fomos lançadas a fazer leitura do mundo a partir da pandemia da Covid-19.

As aprendizagens tem sido ressignificadas à cada momento de encontro envolvendo as mulheres do coletivo de formas diferentes cujos interesses são dialogados e negociados mutuamente. Temos construído formas coletivas de pensar os problemas que afetam as mulheres e desenvolver alternativas de enfrentamento ao patriarcado e as relações de opressão, bem como, neste momento atual, enfrentar situações vivenciais e existenciais a partir do sofrimento encarnado pela pandemia.

Essas lutas abarcam também uma busca pela igualdade de gênero, pois as mulheres têm vivenciado ao longo da história intensos processo de violência e desigualdades. Por isso, torna-se necessário articulações de movimentos sociais, e, criação de coletivos para resistir e “movilizar todo lo que podemos encontrar en término de recursos intelectuales para entender qué es que sigue haciendo las vidas que vivimos, y las sociedades en que vivimos, profundamente anti-humanas [...]” (Hall, 1992: 17 apud Walsh, 2007, p. 23).

Por isso, os trabalhos extensionistas desenvolvidos pelo ComVidas tem se ancorado na Pedagogia Decolonial e movimento feminista crítico com o intuito de produzir uma consciência individual e coletiva sobre a opressão social exercida sobre as mulheres na sociedade, fazendo com que as mesmas se engajem na luta contra a opressão buscando a humanidade dilapidada, também reconhecendo o sentido da práxis, inclusive em contexto emergencial. Freire (2004, p. 30) nos afirma que “[...] esta luta somente tem sentido quando os oprimidos, ao buscarem recuperar sua humanidade, que é uma forma de criá-la, não se sentem idealistamente opressores, nem se tornam de fato, opressores dos opressores, mas restauradores da humanidade em ambos”.

Nesse contexto, as atividades extensionistas tiveram como arcabouço a proposição de uma pedagogia emancipatória e decolonial que possibilite a ruptura com os saberes coloniais, favorecendo a produção do conhecimento para transformação da realidade. Define-se pedagogia decolonial

[...] como metodologias produzidas em contextos de luta, marginalização e resistência e que Adolfo Albán tem chamado de 're-existência'; pedagogias como práticas insurgentes que fraturam a

modernidade/colonialidade e tornam possível outras maneiras de ser, estar, pensar, saber, sentir, existir e viver-com. (WALSH, 2013, p. 19)

Uma pedagogia que se solidariza, humanizante, capaz de produzir leituras em diversos contextos. Compreendemos que o ato de solidarizar-se neste tempo, significa vivenciar uma ética da libertação, porque faz parte de uma filosofia latino-americana, que mesmo imersa num quadro mundial, se difere nos métodos, com uma radicalidade em enxergar o outro, em enxergar os rostos, e assumir o ser humano como 'ente'. Como nos ensina Dussel (Damke, 1995) o aparecimento do outro, como pessoa transcendental ao sistema, ou fora do sistema. Em outras palavras, o/a oprimido/a enxergado/a. A pandemia provocou, muitas vezes pela encarnação da dor, e ao mesmo tempo, pela cultura latino e ameríndia ensaiar em ações a compreensão de uma libertação/educação dentro de uma realidade prática, de um projeto imerso no plano da ação a partir do conhecimento da realidade.

Nesta perspectiva decolonizante e na compreensão dos seres humanos como ente, como rostos, como outros, é que o CoMvidas com humildade assumiu algumas ações/táticas de enfrentamento. O coletivo iniciou mobilizações frente ao combate ao novo coronavírus, e em parceria com a UNEMAT, campus de Juara propiciou o curso de extensão "Campanha contra Covid-19: produção de sabão e saberes no Vale do Arinos" que se utilizou da metodologia de trabalho da Educação Popular (Freire, 2017; Brandão, 2006) mediada pelos recursos digitais com ações síncronas e assíncronas via conversas e orientações no grupo de *WhatsApp*, bem como, com produção de vídeos gravados e editados pelas mulheres do coletivo e disponibilizados no *YouTube*.

Procuramos criar estratégias de enfrentamento ao novo coronavírus ao mesmo tempo aproximar o debate da crítica feminista decolonial, e do reconhecimento de sermos as 'outras', de sermos entes, enquanto proposta concreta de ação coletiva das mulheres envolvidas.

Reconhecendo a realidade prática como lugar de libertação também, como lugar de acesso e de superar as relações hierárquicas postas pelo sistema, como mulheres assumimos o labor do cuidado à saúde, dialogando como mulheres e

nos colocando como uma rede de cuidados à vida. Assumimos a produção de sabões artesanais considerando o momento pandêmico.

O curso foi organizado em quatro etapas, todas tendo as mulheres do CoMVidas como protagonistas, sendo: A primeira etapa foi a realização da campanha de sensibilização nas redes sociais para arrecadação de produtos de limpeza em pontos específicos de coleta (Fig.1), no qual contou-se com o apoio de mercados locais. A campanha não é assumida dentro da perspectiva de critério assistencialista, mas humanitário. Não se trata de um projeto de sociedade, mas, uma função social humanista, ou práxis humana, séria, honesta feito sob o auspício da racionalidade universal, ou seja, a reprodução e o crescimento da vida humana (Franz, 2003).

**Fig.1** Cartaz da campanha



Fonte: Acervo do coletivo (2020)

A segunda etapa consistiu na produção e divulgação de vídeos orientativos a respeito do novo coronavírus (Fig.2), cuidados e higiene, formas de transmissão, o que é um vírus, história e importância do sabão, fórmula química do sabão, entre outras temáticas. Materiais produzidos pelas mulheres do CoMVidas, numa incessante rede solidária e humanitária de trocas de saberes. Assim, os vídeos orientativos, foram anúncios feitos também em denúncias, pois denunciavam as condições das mulheres participantes do CoMVidas, e suas redes familiares e comunitárias, pois, mostravam, por exemplo, que havia demora, ou inexistência de materiais necessários a proteção do coronavírus. A dificuldade ao auxílio emergencial, a dificuldade em fazer o isolamento social, pois havia a necessidade de algumas pessoas de comunidades distantes terem que acessar

bens alimentícios e, mesmo pagar contas ou receber salário. Denunciou-se um país com sérias dificuldades em atender a sua população. Observou-se relações

de poder e de opressão assentadas sobre a classe oprimida. Assim, anúncio e denúncia se entrelaçaram produzindo não apenas relação de poder, mas também, forças dialógicas, sinergias, afetos, amorosidades se renovando incessantemente no devir, em um exercício de reinventar politicamente o mundo (Linhares, 2010). Um movimento decolonial.

**Fig.2** Mosaico de produção dos vídeos



Fonte: Acervo do coletivo (2020)

A realização das produções das receitas (Fig.3) com produtos arrecadados chegando a produzir mais de 1500 litros de sabão líquido e 500 barras de sabão em pedra com parceria entre CoMVidas e de três comunidades indígenas da T.I. Apiaká-Kayabi, foi a terceira etapa.

Ação compartilhada em saberes da produção do sabão e da produção das relações estabelecidas, no grupo de mulheres, com o conhecimento delas, das diferentes culturas de mulheres que se encontraram no CoMVidas. Diferentes, mas mulheres como parecem ser em diferentes lugares. Sabemos que “não existem culturas homogêneas, opacas e incapazes de interagir com o mundo e com outras culturas” (Cunha, 2019). Nessa perspectiva, a dialogicidade é elemento que sustenta a prática do CoMVidas, ou seja, é como defini Zitkoski (2010) força impulsionadora para o pensar crítico-problematizador em relação a condição humana no mundo, se tornando assim, possibilidade de transformar o

mundo por uma educação emancipadora, libertadora em contextos concretos da existência humana.

**Fig. 3** Produção de sabão nas aldeias com as mulheres Kayabi, Munduruku e Apiaká



Fonte: Acervo do coletivo (2020)

A quarta etapa foi realizada com a organização e entrega de 200 cestas com produtos de limpeza arrecadados e com os sabões produzidos durante o curso. Essa organização é um tempo vivido de *continuum* da partilha, da ação produzida dos saberes das mulheres, das solidariedades e compartilhamentos, do exercício da dialogicidade em tempo mais adverso pela eminência constante de ameaça à vida.

Compreendemos que as etapas e a mobilização das ações do CoMVidas fundamentam-se nos princípios Freireanos do *'pensar certo'* categoria central da pedagogia da libertação. Pensar certo é fazer a produção coerente entre teoria e prática, uma forma de pensar comprometida com uma revolução, neste caso, uma forma comprometida com a manutenção da vida. Parece-nos que essas ações são gestos simples e humildes, e o são. Mas, também são gestos carregados de partilha, de consciência, gestos carregados de boniteza. Uma boniteza feita na humildade e na amorosidade que objetiva a permanência da luta pela vida e da reinvenção dela - da luta - restaurando formas de viver e de estar no mundo.

**Fig. 4** Organização das cestas de produtos de limpeza

Fonte: Acervo do Coletivo (2020)

Outra ação realizada junto ao CoMVidas foi a produção de máscaras artesanais. Esta produção se deu via Projeto de extensão “Educação popular e solidariedade: a arte de usar/produzir máscaras para a manutenção da vida<sup>3</sup>”. Neste projeto a proposta foi confeccionar em torno de 500 máscaras de tecido pelas mãos de mulheres que possuem a habilidade da costura, sejam professoras, mulheres negras e mulheres indígenas. O maior objetivo estava em coletividade partilhar máscaras junto as comunidades indígenas da T.I. Apiaká-Kayabi, principalmente, as aldeias: Tatuí, Nova Munduruku e Mayrobi.

Além da produção de máscaras o projeto, faz alusão a povos indígenas que estão no Estado de Mato Grosso e que culturalmente produzem máscaras. Mas falamos aqui de um outro tipo de máscara, não estas essenciais e orientadas para este tempo, as máscaras para nos proteger do vírus que provoca a Covid-19. Dentre os povos indígenas do estado de Mato Grosso que utilizam máscara em rituais, na cultura, exemplificamos o povo Kura Bakairi.

O povo Kura Bakairi tem como uma das principais marcas identitárias, o uso das máscaras cerimoniais. Elas, as máscaras, além de ter funções para integração social, também sustentam diversos ciclos ecológicos, elementos e seres da natureza que compõem a cosmovisão desse povo (Peruare, 2012). A confecção das máscaras é um processo artesanal e artístico que mobiliza saberes geralmente passados de geração em geração.

<sup>3</sup> Portaria nº 669/2020 via Edital 05/2020 PROEC com vigência em 13/04/2020 à 12/04/2021 sob coordenação da Profa. Ma Lori Hack de Jesus.

Nas comunidades indígenas, onde as máscaras são produzidas por mulheres, há a permanência de um saber que é transgeracional. Assim, “as meninas aprendem com as companheiras de idade, com as mães, as avós, as irmãs mais velhas, as velhas sábias da tribo, com esta ou aquela especialista em algum tipo de magia ou artesanato” (Brandão, s/a, p.7). O mesmo ocorre quando o artefato é de responsabilidade homens, ou seja, são sempre as gerações mais velhas que fazem a transmissão do saber.

Essa transmissão geracional e a orientação da produção de máscaras de proteção do corpo humano para a manutenção da vida, é a realização de uma boniteza. E a compreendemos inseridas na dimensão Freireana, onde se liga a concepção de vida em amorosidade. Pois, “a vida tem que ser bonita, não só a vida do indivíduo, mas a realização de um povo” (Redin, 2010, p. 60). Essa boniteza pode estar em vários lugares, com vida, com cuidados à vida.

Assim, a boniteza em produzir máscaras, é a boniteza de cuidar da vida, a boniteza de se fazer colaboração dentro de uma rede de apoio em que o CoMVidas se faz presente. O CoMVidas, somos nós, mulheres. Não apenas como movimento que se preocupa com a formação eminentemente política de todo movimento social, mas sobretudo, na construção de relações de afeto, de solidariedade e amor pelos Outros e Outras.

Nessa direção, a metodologia que temos adotado para as ações do coletivo se pautam na Educação Popular pensada inicialmente por Paulo Freire (2017), como forma de despertar a conscientização (Gadotti, 2014). Dentro da Educação popular todas as pessoas são protagonistas e constroem a história em comunhão. Entendemos a Educação Popular como um movimento que “[...] estimula a presença organizada das classes populares na luta em favor da transformação democrática da sociedade, no sentido de superação das injustiças sociais” (FREIRE, 2017, p. 118).

Assim, estamos entendendo na vivência do CoMvidas que os encontros, os planejamentos, os diálogos efetivados pelas redes sociais, neste tempo pandêmico, têm produzido uma forma outra de Educação Popular mediada pela comunicação via tecnologia. Uma presença não presencial, mas mobilizada, um exercício da democratização em rede.

Com a Educação Popular outra epistemologia é criada, uma epistemologia que tem a filosofia da libertação como elemento mobilizador de concretude, para tal, suas ações pautam-se as vivências, nos saberes, nas amorosidades e na dialogicidade produzidas nos contextos culturais e sociais.

Assim, compreendemos como Gadotti que

Um dos princípios originários da educação popular tem sido a criação de uma nova epistemologia, baseada no profundo respeito pelo senso comum que trazem os setores populares em sua prática cotidiana, problematizando-o, tratando de descobrir a teoria presente na prática popular, teoria ainda não conhecida pelo povo, problematizando-a também, incorporando-lhe um raciocínio mais rigoroso, científico e unitário. (GADOTTI, 2012, p. 14).

Desse modo procuramos caminhar entre os saberes populares das mulheres que detinham o conhecimento popular das receitas de sabões artesanais, dos saberes compartilhados na produção de máscaras, ao mesmo tempo, abordamos conhecimentos científicos historicamente acumulados os quais foram expostos por profissionais de diversas áreas como Química, Biologia, Medicina, História, Pedagogia e Arte os quais contribuíram de forma significativa para dialogar com os saberes indígenas e populares das mulheres envolvidas na proposta.

### **Considerações finais**

Nesta consideração achamos importante afirmar que as mulheres estão vivendo um outro tempo, e este tempo outro é balizado pelo movimento feminista que tem produzido em muitas mulheres de diversos lugares sentimentos, e, atitudes de engajamento políticos, de diálogos de si mesmas, de suas histórias e de possibilidades de atitudes, na busca do direito de ser mulher. Já dissemos, que as mulheres, que nós mulheres fomos invisibilizadas, que fazemos parte de um constructo social absolutamente patriarcal, mas também, narramos que há em cada uma de nós um sentimento de partilha e de solidariedade tremendo, que somos capazes de assumirmos diferentes lugares no mundo, e o fazemos da forma que quisermos, e, em coletivo.

Narramos que estamos em diversos lugares do mundo produzindo uma revolução, pois estamos nos organizando em diferentes grupos, em diferentes coletivos, como o CoMVidas, que é absolutamente jovem, mas que tem dialogado com várias temáticas do ser mulher no Vale do Arinos.

Ter e estar exercitando esta construção de um coletivo feminista que alcançasse mulheres em espaços negligenciados, desassistidas pelas políticas públicas e feridas em sua dignidade, em seus direitos, também, nos possibilitou neste tempo emergencial voltar nossas ações para a humanidade, para os lugares onde estamos e o que era possível fazer para auxiliar na contenção da Covid-19. Todas as ações de estudo, de produção de vídeos orientativos, de trocas de saberes foram com a participação de muitas mulheres.

Ensaíamos este fechamento, com a boniteza do sentimento de mulheres, que amam, que sentem a dor de outras e outras, que se reconhecem muitas vezes fora das políticas públicas, mulheres encarnadas na cotidianidade e, que sentem o presente da vida, da manutenção da vida. Compreendemos as ações do CoMvida em relação a pandemia como um compromisso social de mulheres, um compromisso embebido do princípio solidário, político e coletivo de fazer parte do CoMVidas.

Nesse sentido, as atividades extensionistas desenvolvidas foram propostas e protagonizadas por mulheres de vários segmentos sociais, assim, as atividades desenvolvidas foram tecidas a luz do feminismo interseccional, antirracista e decolonial, e sobretudo alicerçado em amorosidade, em boniteza, em humanidade, e neste exercício buscamos nos gentificar, e gentificando em solidariedade intencionamos promover uma emancipação feminina considerando as mais diferentes mulheres que compõem a nossa sociedade, abarcando a diversidade nas mais diferentes dimensões.

Nesse contexto, somos ousadas em dizer que a extensão universitária promoveu o processo de humanização, de descolonização da ciência e possibilitou a ruptura com os saberes coloniais promovendo práticas transformadoras, tanto da sociedade, da universidade e das protagonistas envolvidas nas ações coletivas.

Em coletivo, aprendemos um pouco de cada uma de nós, e, continuamos a nos gentificar como mulheres, passando pelo processo da gentificação, ou seja, a busca da condição de ser gente. Ser gente no sentido da humanização, porque somos mulheres inacabadas, porque assistimos a existência do fenômeno da desumanização, e, a situação atual nos remete a está análise, pois, muitas

pessoas estão desassistidas de direitos à saúde e a pandemia expôs a fragilidade da humanidade em diferentes sentidos. Continuemos CoMvidas.

## Referências

AZINARI, Amanda Pereira da Silva. *Reflexões sobre gênero e sexualidade provocadas no I Edusex em Juara-MT*. Anais Vol. 3 (2020): Mostra de Trabalhos Sobre Mulheres, Cáceres/MT, Brasil, 05 Março - 07 Março de 2020, Centro de Referência em Direitos Humanos "Profa Lúcia Gonçalves" - CRDHPLG, Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT - Unemat Editora.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O que é Educação Popular*. São Paulo: Brasiliense, 2006

CISNE, Mirla, *Feminismo e consciência de classe no Brasil*. São Paulo: Cortez, 2014.

CUNHA, Teresa. Mulheres, Identidades e Territórios: as experiências e conhecimento delas. In. FERREIRA, Waldinéia Antunes de Alcântara, GRANDO, Beleni Salette, PEREIRA, Lisanil da Conceição Patrocínio e CUNHA, Teresa. *Mulheres e Identidades: Epistemologias do sul: Mulheres Territórios e identidades*. Curitiba: CRV, 2019.

DAMKE, Ilda Righi. *O processo do conhecimento na pedagogia da libertação: As ideias de Fiori e Dussel*. Petrópolis: RJ: Vozes, 1995.

FRANZ J., Hinkelammert. Pensar em alternativas: capitalismo, socialismo e a possibilidade de outro mundo. In. DUSSEL, Enrique et al. *Por um mundo diferente: Alternativas para o mercado global*. Petrópolis: RJ, Vozes, 2003.

FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. 64. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da tolerância*. São Paulo: UNESP, 2004

GADOTTI, Moacir. Educação Popular, Educação Social, Educação Comunitária: Conceitos e práticas diversas, cimentadas por uma causa comum. *Revista Diálogos: pesquisa em extensão universitária*. IV Congresso Internacional de Pedagogia Social: domínio epistemológico. Brasília, v.18, n.1, dez, 2012. Disponível em <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RDL/article/view/3909/2386>. Acesso em: 22 ago 2020.

GADOTTI, Moacir. *Por uma política nacional de educação popular de jovens e adultos* / Moacir Gadotti. — 1. ed. — São Paulo: Moderna : Fundação Santillana, 2014.

GOHN, Maria da Glória. Educação Não Formal, Aprendizagens e Saberes em Processos Participativos. *Investigar em Educação - IIª Série*, Número 1, 2014.

LINHARES, Célia. Anúncio/Denúncia. In. STRECK, Danilo, R., REDIN, Euclides e ZITKOSKI, Jaime José. *Dicionário Paulo Freire*. Belo Horizonte: Autêntica. 2010.

PAHO. Organização Pan-Americana de Saúde. *Situação Epidemiológica*. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19> Acesso em: 27 jan. 2021.

PERUARE, Vitor Aurape. *Yakuigady*: cultura e sustentabilidade nas máscaras rituais do povo Kurâ Bakairi. Brasília, 2012. 57 p. il. Trabalho de Conclusão Curso de

Mestrado. Centro de Desenvolvimento Sustentável, Universidade de Brasília, Brasília.

REDIN, Euclides. *Boniteza*. In. STRECK, Danilo, R., REDIN, Euclides e ZITKOSKI, Jaime José. Dicionário Paulo Freire. Belo Horizonte: Autêntica., 2010

SANT'ANA, Daniela Alves Braga. *Alianças multifacetadas: colonização de Juara – Mato Grosso- discursos, práticas culturais e memórias (1971-2008)*. Dissertação (mestrado). Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Ciências Humanas e Sociais, 2009.

WALSH, Catherine (Ed.). *Pedagogías decoloniales: prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir*. Tomo I. Quito, Ecuador: Ediciones Abya-Yala, 2013.

ZITKOSKI, Jaime José. Diálogo/dialogicidade. In. STRECK, Danilo, R., REDIN, Euclides e ZITKOSKI, Jaime José. *Dicionário Paulo Freire*. Belo Horizonte: Autêntica., 2010.

**Submetido em:** 30/01/2021

**Aceito em:** 27/04/2021

**Publicado em:** 12/05/2021